





**TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE  
MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**



Matheus Vieira Areb<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0001-6548-4577>  
 <http://lattes.cnpq.br/7255778330153730>

Susane Patrícia Melo de Lima<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-4952-7984>  
 <http://lattes.cnpq.br/6593518571599146>

Francilene Sales da Conceição<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-3401-326X>  
 <http://lattes.cnpq.br/9998720603447550>

**Resumo**

O processo de metropolização do espaço induziu a construção de um novo objeto que liga Manaus a municípios ao sul da metrópole trazendo transformações e impondo uma nova dinâmica espacial para Iranduba e Manacapuru. Desde 2011 a Ponte Rio Negro figura como principal objeto do espraiamento da metrópole Manaus para a área rural dos dois municípios. A rodovia estadual Manoel Urbano, rodovia AM-070, que parte da Ponte Rio Negro em direção a tais municípios reestrutura, nestes territórios, sobretudo na zona rural, novos ritmos, processos, formas e conteúdos sob a lógica da (re)produção da metrópole Manaus. Em busca de apreender esse fenômeno analisa-se os imperativos capazes de evidenciar as transformações produto do processo das apropriações territoriais, bem como, as resistências e permanências perante a ação de diversos grupos e seus respectivos interesses na apropriação territorial. Através de uma análise crítica da (re)produção do urbano e da cidade, observações, registros fotográficos e entrevistas desenvolvidas em trabalho de campo constatou-se transformações significativas, novas dinâmicas que incorporam o *novo* ao passo que o *velho* persiste dialeticamente entre as transformações e permanências, e ainda, o surgimento da necessidade de uma ponderação: a cidade cresce para onde, para quem, é mediada por quais processos?

**Palavras-chave:** Território, Espaço, Poder, Metropolização, Região Metropolitana de Manaus.

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutorando em Geografia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pesquisador do Núcleo de Pesquisa Urbana e Regional/NPUR. E-mail: [matheusvareb@gmail.com](mailto:matheusvareb@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professora do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Urbana e Regional/NPUR. E-mail: [splima@uea.edu.br](mailto:splima@uea.edu.br)

<sup>3</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Professora do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Urbana e Regional/NPUR. E-mail: [fconceicao@uea.edu.br](mailto:fconceicao@uea.edu.br)

# **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

## **TERRITORY AND POWER RELATIONS IN THE METROPOLITAN REGION OF MANAUS: METROPOLIZATION, RESISTANCE AND PERMANENCE**

### **Abstract**

The process of metropolization of space led to the construction of a new object that connects Manaus to municipalities to the south of the metropolis, bringing transformations and imposing a new spatial dynamic for Iranduba and Manacapuru. Since 2011, the Rio Negro Bridge has been the main object of expansion from the Manaus metropolis to the rural areas of the two municipalities. The Manoel Urbano state highway, AM-070 highway, which departs from the Rio Negro Bridge towards these municipalities restructures, in these territories, especially in rural areas, new rhythms, processes, forms and contents under the logic of (re)production of the metropolis Manaus. In order to understand this phenomenon, we analyze the imperatives capable of highlighting the transformations resulting from the process of territorial appropriations, as well as the resistance and persistence in the face of the actions of different groups and their respective interests in territorial appropriation. Through a critical analysis of the (re)production of the urban and the city, observations, photographic records and interviews carried out in fieldwork, significant transformations were found, new dynamics that incorporate the new while the old persists dialectically between the transformations and permanence, and also, the emergence of the need for consideration: the city grows to where, for whom, is it mediated by what processes?

**Keywords:** Territory, Space, Power, Metropolization, Metropolitan Region of Manaus.

### **Introdução: A região metropolitana entre as relações rural e urbano, agrário e metropolitano**

Desde a instituição legal da Região Metropolitana de Manaus/RMM em 2007, consideráveis mudanças irromperam sobre o espaço, agora “metropolitano”, ligando os municípios metropolitanos Iranduba e Manacapuru à metrópole Manaus, no Estado do Amazonas, Amazônia Ocidental. Trata-se de uma região metropolitana que possui características peculiares e complexas que vão desde a sua superlativa expressão territorial até a sua não contiguidade espacial. As mudanças são de diferentes ordens, mais notáveis e significativamente mais intensas a partir da inauguração da Ponte Rio Negro em 2011, apontando mudanças em formas-conteúdo. Essas alterações reestruturam esse espaço, “[...] a partir de mudanças no sistema de transporte, no mercado imobiliário e nas atividades de comércio e serviços” (SOUZA, 2015, p. 13), bem como, de significativos arranjos territoriais que se expressam fora do espaço urbano-metropolitano, sobretudo àqueles ligados à terra/território de negócio e especulação fundiária que se concretizam no espaço agrário amazônico. Entretanto, tais mudanças não são homogêneas, considerando o ritmo e a intensidade da densidade técnica-produtiva, alteram as paisagens de acordo com os interesses dos diversos agentes produtores do espaço urbano-metropolitano, desde os extremos da metrópole adentrando os territórios dos municípios de Iranduba e Manacapuru, revelando que os “ventos” da mudança metropolitana podem ser apreendidos em novos conteúdos e formas espaciais, a partir da lógica da (re)produção das relações capitalistas de produção.

Com a construção da Ponte Rio Negro e o encurtamento das distâncias topológicas, surge uma nova temporalidade e espacialidade, pois o tempo rápido da velocidade de ordem global em suas múltiplas dimensões e escalas

## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

espaciais, está em detrimento do tempo lento onde existe vida, trabalho e cultura, trazendo novas possibilidades e, conseqüentemente, a reestruturação do espaço metropolitano, entre Manaus, Iranduba e Manacapuru, nos moldes explicitados por Braga (2019, p. 8) quando afirma em relação a Manaus: “A cidade avançava sobre a floresta, no momento de produção do espaço urbano da metrópole e a partir de 2007 a cidade atravessa o rio – caracterizando a reprodução do seu espaço metropolitano”. A configuração espacial e territorial do espaço urbano e metropolitano é alterada, no momento em que surgem novas formas-conteúdos e novas relações sociais que impactam sobremaneira o modo de vida dos povos amazônicos que se encontram na Região Metropolitana de Manaus.

A rodovia como um objeto de ordem técnica, dotado de formas espaciais e conteúdos diferentes maneiras que obedece uma lógica hegemônica global, aparece então “[...] enquanto fragmento inserido no espaço metropolitano em reprodução, deixa de servir meramente como lugar de passagem e passa a ser apreendido enquanto lugar e objeto da acumulação do capital [...]” (BRAGA, 2019, p. 1). É sob esta lógica, a da produção e reprodução do espaço sob a lógica da acumulação do capital, que se engendram as ações territoriais de agentes produtores do espaço que não somente modificam a paisagem, mas transformam os modos de vida no lugar e cotidiano, compreendendo que o território passa a ser apropriado pelas relações de poder que ali operam.

Neste sentido, o presente trabalho tem o objetivo de compreender processos espaciais e territoriais mais evidentes das transformações e permanências que se concretizam ao longo da Rodovia Manoel Urbano - AM-070 - com o advento da Região Metropolitana de Manaus (RMM) em 2007 e, da metropolização do espaço como processo hegemônico de ação das relações capitalistas de produção. Mais especificamente, a análise se centra nos fenômenos pós-construção da Ponte Rio Negro, considerando os impactos na mobilidade e possibilidade de circulação que esta trouxe ao espaço metropolitano, e ainda, questões específicas ao que concerne ao não urbano.

As transformações, permanências e resistências não serão tratadas aqui de forma dicotômica/antagônica, separadas, pois acredita que elas se manifestam de forma dialética, através de gradações no espaço-tempo. Sobretudo nas cidades da Amazônia, as transformações ocorrem de diferentes formas, apesar do modo de produção capitalista que se insere violentamente nos espaços amazônicos, capilarizando diversas ordens da vida, trabalho e cultura dos povos amazônicos e transformando espaços em mercadorias, há nessas cidades a dinâmica do *novo* (enquanto novidade) que se articula com o velho, e o *velho* (enquanto modo de vida precedente, cultura local-regional), que permanece e se recria através do novo, expressando-se a partir de práticas e dinâmicas próprias, que assimilam o global em continuidade às práticas regionais e locais em uma intensa manifestação de (re) criação do cotidiano.

### **Notas sobre a pesquisa: a práxis, a teoria e a rodovia**

O presente trabalho, no intuito de refletir sobre os aspectos da metropolização ao longo da AM-070, baseia sua análise a partir de uma interpretação crítica da (re)produção do espaço, partindo do pressuposto de que os agentes que atuam sobre o espaço imprimem seus interesses na (re)construção, (re)criação e

## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

(res)significação dos espaços e lugares, que a partir das ações hegemônicas de poder, produzem a territorialização. Esse processo de apropriação do território ocorre fundamentado no domínio do sistema social, econômico e político, dos próprios do modo de produção que é criado e recriado pela sociedade capitalista, ao qual captura os espaços sobre a ordem da venda e do lucro. Essas expressões se manifestam na paisagem ora de forma clara e evidente, ora de forma velada, através de representações, signos e símbolos, ou de novos significados atribuídos.

Os indicativos capazes de permitir a análise do processo de metropolização no recorte espacial se manifestaram a partir de trabalho de campo nos municípios de Iranduba e Manacapuru, estado do Amazonas, Amazônia Oriental, no entorno da AM-070. A prática de campo foi realizada pelos pesquisadores do Núcleo de pesquisas Urbana e Regional (NPUR/UEA/CNPq) do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Universidade Federal de Rondônia (UNIR), com professores(as), pós-graduandos e discentes da graduação. Além da observação ativa e levantamento de dados realizados ao longo da rodovia e suas perpendiculares, foram feitos registros de imagens de objetos importantes e significativos para a pesquisa, bem como a realização do trabalho de campo nas comunidades camponesas localizadas perpendicularmente a rodovia, com uso de entrevistas não estruturadas e diálogos abertos com trabalhadores camponeses e trabalhadoras camponesas que vivem e trabalham da/na terra/território das comunidades camponesas amazônicas. Salienta-se que a pesquisa de campo, possibilitou tratar e refletir acerca de todos os elementos da metropolização que se territorializam e se espacializam ao longo da rodovia, que transcendem o espaço urbano e metropolitano e alcançam o espaço do campo, rural e agrário amazônico, como difusão do urbano-metropolitano, configurando o processo de metropolização regional periférico (LIMA, 2024), vis à vis a amplitude, ou a complexidade da “metropolização amazônica”, demandando pesquisas em várias frentes para apreender o processo que se articula e se expressa em diferentes ordens e formas-conteúdos, considerando ser a metropolização, um processo que imprime marcas, características metropolitanas ao espaço transformando as estruturas preexistentes, independentes serem em metrópoles ou não, espaços metropolitanos ou não.

Ascher (1995) chega a mencionar que o processo de metropolização não está restrito a áreas metropolitanas, agregando-se ao pensamento de Lencioni (2013) quando esta profere que a metropolização possui uma dimensão cultural que atinge as esferas da vida, incide nos espaços, e os hábitos culturais e valores urbanos passam a ser aqueles que emanam da metrópole (LIMA, 2024). Assim, afirma-se que do ponto de vista do entendimento teórico a metropolização é um processo que afeta não apenas o urbano, nem tampouco somente o campo, o rural/agrário, ao contrário, é um processo inerente aos espaços cada vez mais distantes “difundindo a cultura urbana, os valores urbanos, as normas e práticas sociais dominantes da metrópole” (FERREIRA, RUA, MATTOS, 2017, p. 14) podendo-se mesmo falar que formas materiais e imateriais vem se denominando de urbanidades no rural, que conforme Rua (2017, 2013), dada a importância do fenômeno metropolitano como predominante na produção atual do espaço analisado. Desta forma, a metropolização do espaço não se dá apenas nas regiões metropolitanas, mas que tal processo extrapola a cidade, incorpora

## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

idades pequenas, médias e transforma os múltiplos territórios e territorialidades, atingindo gradativamente o espaço agrário da Amazônia e resultando na espacialização de conflitualidades/conflitos agrários e territoriais.

A Região Metropolitana de Manaus (RMM) foi instituída em 2007 e é composta por 13 municípios junto a Manaus (metrópole), Iranduba e Manacapuru, são dois municípios metropolitanos sob os quais se infere esta análise, configurando-se como recorte espacial analítico. Trata-se de uma região metropolitana não conurbada, sem coesão espacial característica da porção da Amazônia Ocidental de “unidades municipais extensas” não apresentando “adensamento de seus núcleos urbanos, em função das dimensões territoriais de seus municípios” de modo que “consequentemente os fluxos de trocas entre eles não apresentam a expressividade encontrada em regiões cuja estrutura municipal é diminuta” (LIMA, 2015, p. 21), expressão das especificidades da RMM (SOUSA, 2015; LIMA, 2015; SANTOS, 2017; BRAGA, 2019a; BRAGA, 2019b). No caso da RMM, Santos (2017, p. 882) aponta que “A ponte é o mais importante objeto-símbolo da paisagem metropolitana de Manaus, expressando a chegada do urbano ao “outro lado do rio” e refletindo a superação dos obstáculos da natureza pela necessidade de expansão metropolitana” (SANTOS, 2017, p. 882).

Neste sentido, a rodovia AM-070 (Figura 1), insere-se neste estudo como ponto crucial para a difusão metropolitana de Manaus para além de si própria enquanto metrópole, como importante mediador de fluxo no território com expressivas transformações espaciais e territoriais, mas ao mesmo tempo, destacando uma região metropolitana permeada de relações de conflitualidades e de conflitos que se disseminam no urbano metropolitano e no campo-agrário, realidade empírica espacial do processo de metropolização, processo este que atravessa os municípios de Iranduba e Manacapuru entre transformações, resistências e permanências.

## TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS

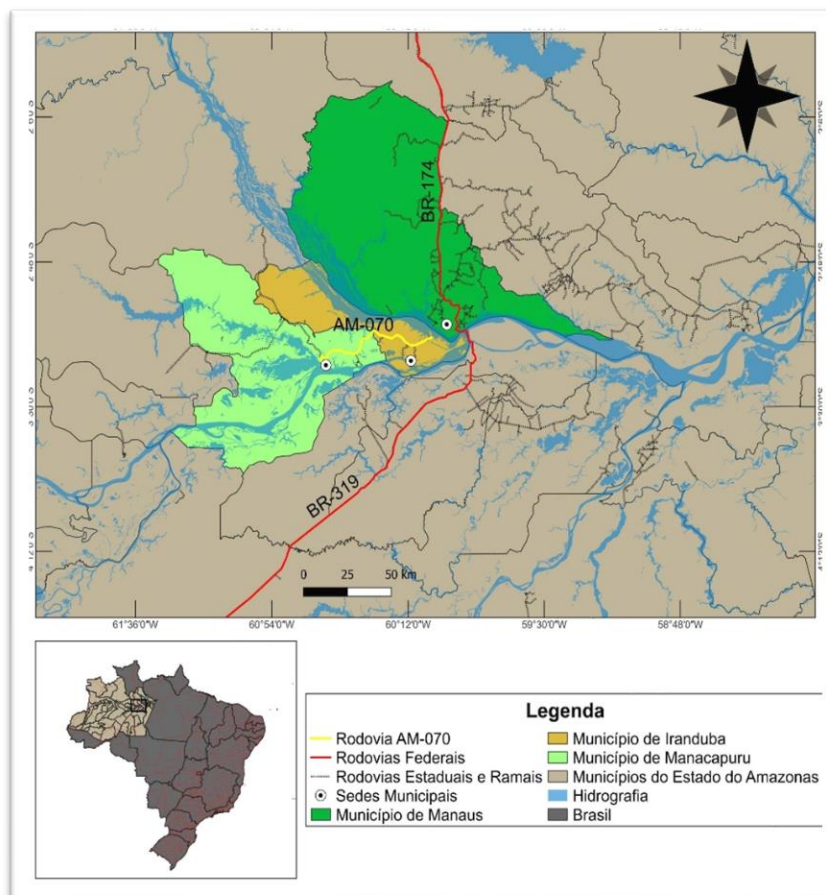


Figura 1: Localização Manaus, Iranduba e Manacapuru sob a influência da rodovia estadual AM-070. Elaboração: Matheus Silveira, 2024. Organização: Matheus Areb, 2024

A Ponte Rio Negro e, por conseguinte, a rodovia estadual Manoel Urbano - AM-070, aparecem como elementos indutores de uma reestruturação do espaço, uma vez que alteraram relações pretéritas trazendo novos fluxos e uma nova dinâmica, como aponta Sousa (2015, p. 23) pelo fato de que novas condições sociais vão possibilitar o desenvolvimento das atividades socioeconômicas, mudando relações de produção o que resulta na reestruturação do espaço.

### Na rota das alterações recentes: os indicativos da reestruturação da rodovia e suas perpendiculares

A partir da inauguração da Ponte Rio Negro, a rodovia AM-070 ganhou inúmeros serviços e novas formas de apropriação do espaço. Há uma dinâmica importante e singular das cidades amazônicas, sobretudo ao entorno próximo de Manaus que conjugam em uma relação social, o natural e o urbano, o metropolitano e agrário, que são as práticas de lazer do café regional e o banho de rio ao longo das estradas, e as vivências expressas nos ramais perpendiculares à rodovia, pelo que ao se adentrar, vê-se ali, a difusão dos fazeres na produção, modo de vida e trabalho da agricultura camponesa que é policultora, poliprodutiva e diversificada (OLIVEIRA, 2007; NEVES & MEDEIROS, 2013; CONCEIÇÃO, 2021). Essa territorialidade amazônica, caracteriza-se como uma relação indissociável e complementar entre rural/urbano e campo/cidade, pois o

## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

processo urbano e de metropolização extrapola as dinâmicas do espaço urbano, incorporando também as dinâmicas agrárias e territoriais. Na RMM tal processo é estruturante da metropolização regional que se processa regional e desigualmente.

A produção de um espaço urbano-metropolitano se dá pela expansão de serviços tipicamente oriundos de Manaus, como o surgimento de mais unidades de cafeterias regionais proporcionadas por um “transporte mais rápido” via Ponte Rio Negro, bem como o uso dos rios com balneabilidade, outrora as balsas que faziam as travessias não permitiriam um trânsito rápido entre a capital e tais balneários. Atualmente, para a metrópole e os habitantes dos municípios metropolitanos, Iranduba e Manacapuru, passaram a apreender um espaço como “um destino para seus passeios de fim de semana, passaram a ter essa alternativa de lazer e diversão, aproveitando assim, as opções desses lugares” (SOUSA, 2015, p. 69). O que expressa a apropriação do espaço natural para a mercantilização da natureza para o lazer e a diversão. O banho de rio, sendo uma característica e costume dos amazonenses, é marcado por uma tradição balneária (NOGUEIRA, 2021) de se retirar principalmente nos finais de semana para Igarapés.

O rito que geralmente antecede os “banhos no rio”, são as paradas nos cafés regionais, dotados de toda variedade de produtos locais, inclusive na decoração do lugar (Figura 2), como macaxeira, tucumã e sucos com frutas regionais e farinha (Figura 3). Dispostos ao longo da estrada, estes espaços entre os mais simples e mais sofisticados apontam para uma metropolização singular, onde o urbano não se estabelece como dicotomia ferrenha ao natural, como negação, mas imbrica-se em uma combinação entre cultura-natureza e a metrópole, e o *modus operandi* de como a metrópole reproduz o capital pela ampliação do comércio e de serviços, neste caso específico, de lazer e diversão. Tais elementos transformam os municípios, mas dialeticamente se impõem as características culturais singulares regionais, impondo forçadamente uma ação de territorialidade paradigmática e uma nova narrativa hegemônica de ordem global. Ao passo que a paisagem natural é alterada, dando lugar a expansão de novos comércios e a instalação de novos serviços, persistindo os hábitos culturais locais no território da região metropolitana, marcados pela inserção de hábitos alimentares que culturalmente se estabelecem como hábito cultural do rural amazônico, como o consumo da culinária regional.



## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

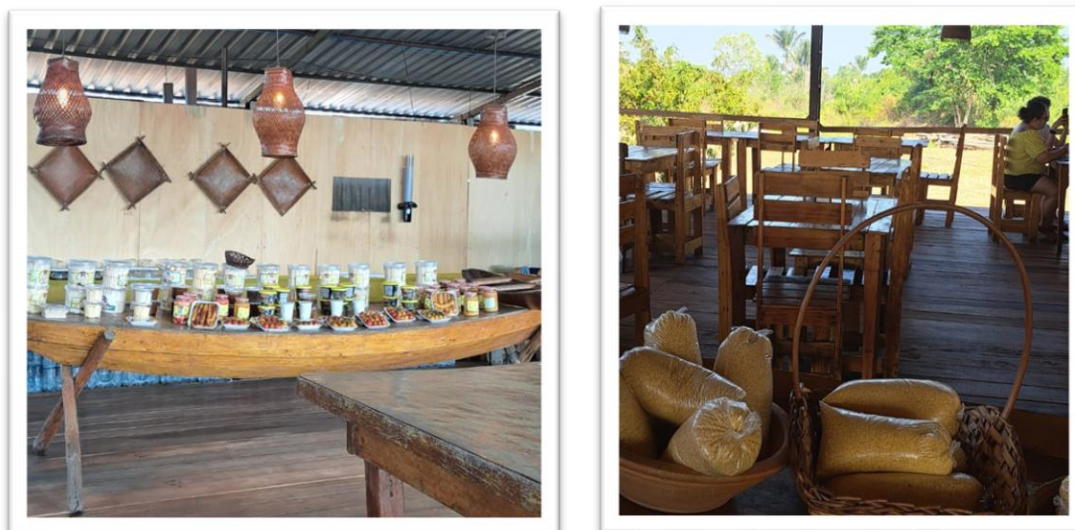


Figura 2: produtos regionais no Café regional. Figura 3: a farinha disponível no café regional. Fonte: Matheus Areb, 2024.

Os espaços balneários também figuram como realidade empírica a ser analisada, pois compõem um aspecto importante das mudanças ao longo da AM-070 que expressam a junção da cultura local com espaços cada vez mais segmentados para atender uma demanda da metrópole e do capital, o que torna o espaço como mercadoria para o acúmulo de capital. Nesses espaços, a natureza e os igarapés são transformados em estruturas que facilitam o banho (Figura 4) e o consumo do lugar como mercadoria. O consumo está no cerne dessa prática, já que a entrada nesses banhos são pagos, além de que os alimentos são também vendidos no local. Outras atividades ainda incrementam os espaços de banhos, como alimentar animais aquáticos e passear em brinquedos pelo rio (Figura 5). Essa lógica repercute nos balneários ao longo da rodovia que tem seu principal público oriundo da metrópole Manaus. Apesar disso, muitos ainda são naturais e não-privativos como o Miriti (Figura 6), em Manacapuru, um espaço popular de banho na ponte que leva ao município de Manacapuru, contando com práticas antigas do banhar-se, com muitos visitantes trazendo suas comidas e assando carne e peixe no local, apesar de estruturas privadas já estarem presentes revelando que o capital se apressa em dominar e se apropriar (exploração) do espaço natural, transformando-o em mercadoria para obtenção do lucro.



## TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS



Figura 4: Balneários três irmãos em Iranduba (AM-070). Figura 5: Balneário Ferreira Lima na AM-070. Fonte: Amazonas e mais/Foto: Tereza Cidade, 2019; Facebook Balneário Ferreira Lima, 2022.



Figura 6: Balneário do Miriti no município de Manacapuru ao longo da AM-070. Fonte: BNC Amazonas, 2018.

Como exposto, os espaços das cafeterias regionais ou do “café regional” e os “espaços das águas”, os balneários, são elementos geográficos basilares da reestruturação do espaço, eles apontam para as mudanças nas relações cotidianas na forma de consumo advindo com a inauguração da Ponte Rio Negro. Esses espaços se voltam à metrópole, alterando seus preços, ambientes e cardápios, a partir dos quais se observa a metropolização operando como difusão de significados procedentes da metrópole como novo significado do modo de consumir e de comercializar, se divertir e valorizar o regional, agora como mercadoria cultural capaz de ser mercadificada. Em uma recíproca relação com o núcleo metropolitano Manaus, volta-se para Iranduba, neste contexto, como um caminho para um rápido lazer de final de semana (SOUSA, 2015, p. 134).

## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

Além dos espaços de lazer, a dimensão da moradia desponta como uma das variáveis de maior alteração espacial ao longo da rodovia. Após a criação da Ponte Rio Negro, morar nos Km 01 ao Km 03 da Manoel Urbano, significou estar mais perto do centro de Manaus, reconfigurando a racionalidade das distâncias em relação ao núcleo da metrópole. Com isso, inúmeros empreendimentos imobiliários surgiram com projetos e vendas de loteamentos regulares se anunciam como “bairros planejados” como é o caso dos loteamentos, entre os quais a “Nova Manaus” (Figura 7) compõe. Muitas das peças publicitárias preconizam a situação geográfica de Iranduba em relação a Manaus ainda visto como espaço caracteristicamente rural, realizando um jogo argumentativo entre a proximidade-distância, ou seja, há benefícios em morar perto da capital mas ressaltando uma distância segura do frenesi e dos problemas advindos da metrópole, os tais “problemas da metrópole”. Neste sentido, “[...] a distância e a proximidade da metrópole sendo vendidas são elementos evidentes da velocidade e da seletividade destes processos a partir da consolidação exponencial de um setor imobiliário no recorte” (BRAGA, 2019, p. 2).

No caso da propaganda do “Residencial Amazonas” (Figura 8), este alude a uma “superação da capital”, delimitando que “só agora” a partir da construção do Residencial (no local onde está) é possível “morar bem e viver tranquilo”. Nessa trama de associações e dissociações, contraditoriamente, aquilo que aparece como novo, na verdade é a (re)produção dos velhos conteúdos e velhas formas da metrópole se reproduzir que agora alcança espaços outros, evidenciado pela reflexão de Sousa (2015, p. 95) quando afirma que o aparecimento da mercantilização da moradia e da venda do solo, são na verdade “a expansão da metrópole em direção a esses municípios” (Iranduba e Manacapuru), e que “a criação da RMM veio estruturar e regimentar juridicamente o crescimento da mancha urbana, do processo de valorização da terra, sobretudo para a borda sul dessa região metropolitana” (SOUSA, 2015, p. 95).



Figura 7: lotes à venda na “Nova Manaus” em Iranduba      Figura 8: propaganda do “Residencial Amazonas”. Fonte: Attria Imóveis, 2024; OLX, 2024.

O mercado imobiliário ao longo da AM-070 reproduz os mesmos processos da lógica da venda da casa-terra-território praticados em Manaus, espalhando inclusive alguns elementos da fragmentação socioespacial. A construção de enclaves, podem ser vistos no início da rodovia, como por exemplo, o condomínio fechado Lacqua Residenza (Figura 9) que já conta com guaritas e sistemas de segurança que protegem o interno do exterior. Sousa (2015, p. 95)



## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

afirma que “são os compradores provenientes de Manaus que mais fortalecem esse mercado imobiliário; muitos vão à procura de um local mais calmo ou mesmo da segunda residência na área suburbana”. Este fato mostra que a (re)produção da moradia ao longo da AM-070 não se traduz em benefício, solução ou melhoramento para as camadas populares de Iranduba, mas há a substituição da casa-floresta por novas formas de habitar baseados em lógicas estranhas ao território local.



Figura 9: Condomínio fechado Lacqua Residenza no KM 03 da Manoel Urbano (070) em Iranduba (AM). Fonte: OLX, 2024.

Não apenas os vivos agora se territorializam, mas também os mortos, que têm um lugar para si face à metropolização que produz novos espaços, vistos pela difusão do cemitério Recanto da Paz, uma rede importante e consolidada de serviços funerários do grupo “Recanto da Paz” fundou o Cemitério Parque (Figura 10) no Km-13 da rodovia AM-070 (Figura 11), em conjunto a estes, mais três cemitérios compõem a paisagem da financeirização da terra metropolitana, mas além disto, a difusão da ideia da morada eterna como lugar de sossego, tranquilidade longe da agitação do centro metropolitano, ou das sedes dos municípios, o morar bem como expressão do significado que se pode levar da vida para a morte.

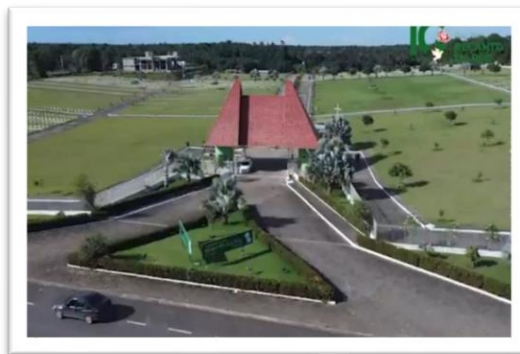


Figura 10: Entrada do Cemitério Parque. R. da Paz      Figura 11: Entrada do cemitério no Km-13 da AM-070. Foto: Grupo Recanto da Paz, 2022. Foto: Grupo Recanto da Paz, 2022.

## TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS

Esse processo mostra como o serviço funerário também participa do movimento de produção da nova configuração de serviços difundidos pela metrópole, agregando a natureza, com serviços de preço elevado como crematórios de humanos (Figura 12) e animais. As facilidades desse mercado, permitem a adesão e o funcionamento do empreendimento, como parcelamentos e planos (Figura 13), marcando uma financeirização que preconiza o mercado da morte e o uso e apropriação do território com nova função.



Figura 12: serviço de crematório no cemitério. Figura 13: planos de serviços funerários. Fonte: @gruporecantodapaz, 2023; @gruporecantodapaz, 2023.

Esse deslocamento da morada dos mortos da metrópole sentido aos municípios de Iranduba e Manacapuru é um movimento espacial e simbólico, pois se outrora o lugar dos mortos era o mais próximo possível dos núcleos urbano-metropolitanos, junto às igrejas ou núcleos religiosos, agora há um significativo distanciamento das sedes dos municípios, uma mudança cultural, engendrada por mudanças socioespaciais e pela dimensão do poder econômico de que a morte, hoje, pode representar, aquilo que se refere a custos e portanto, poder de compra, assim o mercado cooptou a morte e o mercado da morte coopta novos espaços no território da Região Metropolitana de Manaus.

Saindo da AM-070, entrando em um ramal<sup>4</sup> é possível observar símbolos ligados a uma outra escala. O “Boteco Xerife” (Figura 14) alude à cultura americana do sistema policial americano que ficou conhecido nos filmes de Faroeste em terras distantes. O boteco do Xerife fica em uma casa suspensa tipicamente amazônica, uma fricção de modos que se estabelecem do global no local, mantendo em escala local o regional. Destaca-se empiricamente que este estabelecimento compõem a paisagem conjunta ao território da agricultura

<sup>4</sup> Termo muito usado para definir pequenas estradas que saem a partir de uma rodovia principal. No contexto Amazônico, ramais levam em direção às comunidades, vilas, sítios ou chácaras. Geralmente os ramais mais distantes dos núcleos urbanos não contam com pavimentação, apenas o caminho de acesso, muitas vezes precário e com muitas debilidades de fluxo em períodos chuvosos.

## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

camponesa, logo, símbolos e signos se misturam em uma paisagem singular, em uma metropolização singular, mostrando símbolos outrora incomuns que se difundem para outras áreas, processo esse fruto da globalização dos lugares amplamente articulados à metropolização do espaço, que em conjunto compõem um quadro de transformações e permanências.



Figura 14: Boteco do Xerife em um ramal em direção a comunidade N.S. do Perpétuo Socorro. Fonte: Matheus Areb, 2023.

O trabalho de campo findou na sede do município de Iranduba. Passando pela orla da cidade, onde se localiza seu porto. O porto manifesta de forma mais evidente as atividades próprias do mundo entre terra-água, padrão comum da vida das cidades Amazônicas. Os barcos atracados, o descarregamento de mercadorias que partem e chegam do interior do estado, a venda de peixes e verduras, e toda a produção do território camponês. Este se apresenta com um outro ritmo, ritmo típico de uma cidade às margens das águas, na várzea, em contraponto, a construção da ponte Rio Negro leva a mudanças significativas na estrada AM-070 apontando para outros ritmos.

De fato, mudanças ocorreram também na sede de Iranduba, mas principalmente pela “integração rodoviária” e a “interação dos fluxos e da circulação entre essas cidades” como apontado por Sousa (2015, p. 165). Há duas percepções nesse processo por parte dos moradores locais: (1) proximidade e a integração os aproximaram de problemas sociais, mas (2) “preferem destacar que essa nova realidade eles têm a possibilidade de ter acesso aos produtos e serviços disponíveis na capital” (SOUSA, 2015, p. 165). Nessa relação dialética e contraditória, a nova centralidade que surge nas proximidades do início da rodovia altera a configuração espacial do município, pois novos empreendimentos de grande porte surgem em áreas antes rurais, cabem novas pesquisas para entender o novo papel da sede, bem como a complexidade das transformações que se desenvolveram nessa nova estrutura. Estes processos provocam a análise do espaço sob a ótica de um processo que opera em plano maior, se tipicamente urbano-metropolitanos, agora chegam a todos os espaços impulsionando transformações, entre as quais imperam resistências locais regionais.



## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

A ponte segue servindo ao caminho da mudança, das transformações, porém, qual o conteúdo e a substância dessas mudanças? Elas são múltiplas, mas principalmente, destaca-se sua singularidade de uma metropolização na Amazônia ocidental na Região Metropolitana de Manaus, que cresce, concentra e atrai ao mesmo tempo que dispersa com uma aparência do global e nacional assentada sobre o típico ambiente amazônico (BRAGA, 2019, p. 2).

Incorporando práticas da terra pela mercantilização dos valores culturais e identitários, que ora nega o local e ora o adequa conforme os interesses do discurso do desenvolvimento regional. Para entender esse complexo movimento, basta olhar para a ponte, ou melhor, olhar para quem olha para a ponte, e a vivência como objeto do atravessamento de suas experiências, aí reside o discurso da metropolização que dificilmente é ouvido.

### **Considerações finais: um chamamento a continuidade**

As transformações em Iranduba e Manacapuru pela construção da Ponte Rio Negro e seu impacto na AM-070 são significativas, notadamente na rodovia e nos ramais perpendiculares a esta. A existência de inúmeros serviços e novas formas de apropriação do espaço indicam uma dinâmica importante e singular nos municípios metropolitanos de Iranduba e Manacapuru, sobretudo no entorno próximo de Manaus que conjugam uma relação de articulação de processos que operam o natural, o urbano, o metropolitano e o agrário mediados pela difusão dos fazeres na produção, modo de vida e trabalho da agricultura camponesa que é policultora, poliprodutiva e diversificada, conforme Oliveira (2007); Neves e Medeiros (2013) e Conceição (2021). Trata-se de uma territorialidade amazônica caracterizada pela indissociável e complementar relação entre rural/urbano e campo/cidade, impulsionadas por processos espaciais mais amplos, pois processos urbano-metropolitanos extrapolam as dinâmicas do espaço urbano, incorporando também as dinâmicas agrárias e territoriais no bojo de uma região metropolitana, neste caso, a de Manaus, em que tais processos são estruturantes da metropolização regional.

Nos termos de Braga (2019, p. 2) as dinâmicas que partem de Manaus para a área rural de Iranduba representam “O moderno - que não é novo”, mas na verdade na reprodução da metrópole Manaus, das possibilidades para alguns e nas consequências das “iniquidades socioespaciais” (SOUSA, 2015, p. 165) para a maioria, que reproduz “em modos específicos, particulares, na direção da metrópole como horizonte espacial da sociedade e deste espaço como meio, condição e produto do processo de reprodução do capital” (BRAGA, 2019, p. 2), e para Lima (2024), na região metropolitana analisada é a expressão da metropolização regional periférica, enquanto meio, condição e produto da metropolização regional que afeta todos os territórios, inclusive o das pequenas cidade e territórios rurais.

As mudanças e permanências permitem indagar mais do que concluir. Os novos investimentos ao longo da rodovia, os novos empreendimentos oriundos das relações capitalistas de produção dos cafés regionais, a explosão do mercado imobiliário, a construção de enclaves fortificados e vigiados, a privatização dos espaços fluviais transformados em balneários de consumo, a nova espacialização do mercado fúnebre na metrópole, as permanências culturais e na produção em território camponês, e nos festejos religiosos das comunidades,

## **TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

sobressaem a resistência, às novas relações na agricultura e o novo papel que desempenha as sedes das cidades, devem nos fazer questionar não apenas para onde cresce a metrópole, mas para quem ela cresce? E expropriando que modos de vida?

### **Referências bibliográficas**

ASCHER, François. Dynamiques métropolitaines et enjeux socio-politiques. In. **Multitudes Revue politique, artistique, philosophique**. Futur Antérieur 29. 1995/3. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/Dynamiques-metropolitaines-et> Acesso em 12 de janeiro de 2021.

BRAGA, Eduardo Henrique Freitas. **A (re)produção da metrópole na Amazônia**: Manaus, a cidade que atravessa o rio. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

BRAGA, E. H. F. Novas determinações do processo de reprodução do espaço da metrópole Manauara», In. **Confins** [Online], 43, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/25034> . Acesso em: fev. 2024.

CARVALHO, J. A. de. et al. Episódios de terras caídas no rio Amazonas: caso costa da Águia Parintins-Am, XVIII Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos, 2009. Disponível em: [https://abrh.s3.sa-east-1.amazonaws.com/Sumarios/110/4beb23f76aa2e3d0796979ec5eb3bff1\\_21e0727682258f40d3b7f56e53fa48b6.pdf](https://abrh.s3.sa-east-1.amazonaws.com/Sumarios/110/4beb23f76aa2e3d0796979ec5eb3bff1_21e0727682258f40d3b7f56e53fa48b6.pdf)>. Acesso em: 04 fev. 2024.

CONCEIÇÃO, Francilene. S. da. Amazônia do Tapajós em conflito: agronegócio e povos amazônicos nos territórios das terras-águas-florestas (TAFS). In: CAVALCANTE, Maria M. de A.; COSTA SILVA, Ricardo G. da; SILVA, Josué da C. **Amazônia**: emoções, vivências e resistências. – Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR - EDUFRO, 2021. 275 p.

FERREIRA, Álvaro; RUA, João; MATTOS, Regina Célia de. Metropolização do espaço, cotidiano e ação: reflexões iniciais. In. FERREIRA, Álvaro; RUA, João; MATTOS, Regina Célia de. Orgs. **O espaço e a metropolização**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

LENCIONI, Sandra. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. In: FERREIRA, Álvaro et al. **Metropolização do espaço**: gestão territorial e relações urbano-rural. Rio de Janeiro: Consequência, 2013. p. 17-34.

LIMA, Marcos Castro de. **Quando o amanhã vem ontem**: a institucionalização da Região Metropolitana de Manaus e a indução ao processo de metropolização do espaço na Amazônia Ocidental. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2014.

LIMA, Susane Patrícia Melo de Lima. **A metropolização regional periférica aquém da metrópole**: A Região Metropolitana de Manaus vista do lado de lá.



**TERRITÓRIO E RELAÇÕES DE PODER NA REGIÃO METROPOLITANA DE  
MANAUS: METROPOLIZAÇÃO, RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS**

Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas. Departamento de Geografia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais/IFCHS. Manaus: UFAM, 2024.

NEVES, Delma P., MEDEIROS, Leonilde S. de (Orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos** /– Niterói: Alternativa, 2013. 431 p.; 23 cm.

NOGUEIRA. O banho de rio: um mergulho na tradição amazônica. In. **Confins** [Online], 53, 2021, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/44074> . Acesso em: fev., 2024.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007, 184p.

RUA, João. No Estado do Rio de Janeiro: o lugar de um lugar rural em um espaço de metropolização. In. FERREIRA, Álvaro. RUA, João e MATTOS, Regina Célia. **O espaço e a metropolização: cotidiano e ação**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

RUA, João. O preço da terra e os megaprojetos como marcantes urbanidades no rural na fase atual de organização do espaço geográfico. In. FERREIRA, A.; RUA, J.; MATTOS, R. C. **Desafios da metropolização do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SANTOS, T. V. dos. Metropolização e diferenciações regionais: estruturas intraurbanas e dinâmicas metropolitanas em Belém e Manaus. In.. **Cadernos Metrópole**, [S. l.], v. 19, n. 40, p. 865–890, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/2236-9996.2017-4008> . Acesso em: 4 fev. 2024.

SOUSA, I. dos S. **A ponte do Rio Negro e a reestruturação do espaço na região metropolitana de Manaus: um olhar a partir de Iranduba e Manacapuru**. Manaus: Editora Reggo/UEA Edições, 2015.

*Recebido em: 10/02/2024*

*Aprovado em: 06/03/2024*

*Publicado em: 08/03/2024*